



PARENTALIDADE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO

PARENTING IN TIMES OF SOCIAL ISOLATION: REFLECTIONS ON GENDER INEQUALITY

Isis Vanessa Nazareth - Professora Doutora. Área Materno-Infantil do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Endereço: Rua Aloísio da Silva Gomes, nº 50, Bairro Granja dos Cavaleiros, CEP: 27930-560. Macaé, Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: ivnenfermagem@gmail.com

Isadora Oliveira do Amaral - Discente do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Bolsista no projeto de extensão "Nasceu e agora? Educação em Saúde para o Cuidado Materno com o Bebê". E-mail: isadora.o.amaral@gmail.com

Kelly Pinheiro Vieira - Discente do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Voluntária no projeto de extensão "Nasceu e agora? Educação em Saúde para o Cuidado Materno com o Bebê". E-mail: kellypinheirov@gmail.com

Kamila Ingrid Marques Silveira - Discente do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Voluntária no projeto de extensão "Nasceu e agora? Educação em Saúde para o Cuidado Materno com o Bebê". E-mail: kamilamarques95@hotmail.com

Kauanny Tamires Dutra Silva - Discente do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Voluntária no projeto de extensão "Nasceu e agora? Educação em Saúde para o Cuidado Materno com o Bebê". E-mail: kauannydutra14@gmail.com

Pollyana Abreu Campos da Cruz - Discente do Instituto de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro Multidisciplinar UFRJ/ Macaé. Voluntária no projeto de extensão "Nasceu e agora? Educação em Saúde para o Cuidado Materno com o Bebê". E-mail: pollycamposdacruz@hotmail.com

RESUMO

Entrevista com a psicanalista Vera Iaconelli do Instituto Gerar de Psicanálise. Objetivo: Refletir sobre parentalidade e desigualdade de gênero em meio a pandemia da COVID-19. Realizado remotamente, no dia 24 de junho de 2020 através da rede social *Instagram* (@nasceueagoraufrij) do projeto de extensão intitulado "Nasceu e agora? Educação em saúde no cuidado materno com o bebê" do Instituto de Enfermagem, Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé, Universidade Federal do Rio de Janeiro. A psicanalista Vera Iaconelli atualmente é envolvida em estudo dos fenômenos psíquicos ligados ao ciclo gravídico-puerperal em sua relação com as determinações biológicas, culturais, históricas e seus efeitos sobre a relação entre os pais e sua prole. A psicanalista teve diálogo sobre questões relacionadas ao *Corona Virus Disease* (COVID-19) desvelando a desigualdade de gênero na sociedade. Discutiu-se sobre a naturalização da posição feminina como subalterna, o acarreta uma sobrecarga de tarefas gerando o adoecimento físico e mental pela exaustão de realizá-las sozinha. Tanto os processos do trabalho remoto quanto da divisão das atividades no ambiente doméstico, trouxeram desafios e deixaram mais explícito a carga invisível absorvida pelas mulheres. Essas discussões tornam-se relevante, pois auxilia na conscientização

acerca de novas formas saudáveis de vida no momento do isolamento exigido pela pandemia da COVID-19, além de incentivar estratégias de enfrentamento para conciliar o trabalho, o cuidado com os filhos e o lar.

Palavras-chave: enfermagem materno-infantil; parentalidade; infecções por coronavírus; estudos de gênero

ABSTRACT

Interview with psychoanalyst Vera Iaconelli from Instituto Gerar de Psicanalysis. Objective: Reflect on parenting and gender inequality in the midst of the COVID-19 pandemic. Remotely held on June 24, 2020 through the social network Instagram (@nasceueagoraufjrj) for the extension project entitled “Born and Agora? Health education in maternal care with the baby” from the Nursing Institute, Multidisciplinary Center UFRJ-Macaé, Federal University of Rio de Janeiro. Psychoanalyst Vera Iaconelli is currently involved in the study of psychic phenomena linked to the pregnancy-puerperal cycle in their relationship with biological, cultural, historical determinations and their effects on the relationship between parents and their offspring. The psychoanalyst had a dialogue on issues related to Corona Virus Disease (COVID-19) unveiling gender inequality in society. It was discussed the naturalization of the female position as a subordinate, which entails an overload of tasks, generating physical and mental illness due to the exhaustion of performing them alone. Both the remote work processes and the division of activities in the domestic environment brought challenges and made the invisible load absorbed by women more explicit. These discussions become relevant, as it helps to raise awareness about new healthy ways of life at the time of isolation required by the COVID-19 pandemic, in addition to encouraging coping strategies to reconcile work, care for children and home.

Keywords: maternal child nursing; parenting; coronavirus infections; gender studies.

Corona Virus Disease, mais conhecida como COVID-19 é uma doença que surgiu na China no final do ano de 2019 e teve um rápido crescimento para outros países sendo então declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 uma epidemia de caráter emergencial em todo mundo. As novas ordens de saúde pública incluíam medidas como isolamento social, além de outras medidas de higiene e limpeza. Essas novas mudanças ocasionaram impactos significativos em diversas áreas, entre elas econômicas e sociais (MACÊDO, 2020; ONU, 2020).

A ONU (2020), por meio da ONU Mulheres, publicou no início de abril de 2020 um documento no qual lista uma série de impactos potencialmente sofridos durante a pandemia em função do gênero. Na publicação, a ONU cita um aumento global nos casos de violência causados pelo estresse econômico e social somado às medidas de restrição de circulação e contato. Tais fatores são exacerbados por casas cheias demais, abuso de substâncias psicotrópicas, acesso limitado a serviços e falta de apoio.

Corroborando com a ONU Mulheres, pesquisa realizada nos Estados Unidos pela *Kaiser Family Foundation* - KFF em 2020, aponta que quatro entre dez norte-americanos acreditam que sua vida doméstica foi muito afetada pelas novas dinâmicas impostas com a pandemia da COVID-19. O grupo participante do estudo era majoritariamente por pessoas casadas e com filhos de até

18 anos. Entre as mães que enfrentam o fechamento de escolas ou creches, dois terços (66%) dizem que sua vida foi interrompida (KFF, 2020).

Para reflexão sobre as questões ligadas à desigualdade de gênero e parentalidade que foram sublinhadas conforme a COVID-19 se espalhou pelo mundo, a psicanalista Vera Iaconelli discute sobre a preocupação com a qualidade de vida feminina relacionadas a situações de sobrecarga entre casa, filhos e trabalho. Durante a entrevista, a psicanalista denota como o núcleo familiar pode encontrar a melhor forma de lidar com as diferenças visando o bem-estar materno e seus filhos, sendo estes últimos um dos grandes afetados por mudanças na rotina.

Quais aspectos você acha importante nesse período de isolamento social para manter uma parentalidade saudável na tentativa de diminuir o sofrimento do núcleo familiar?

Pensando no contexto da pandemia da COVID-19 e no isolamento social, a família passou a exercer todas suas atividades de dentro de casa. O *home office* e o ensino a distância das escolas exigiram mudanças na rotina dos lares. Se for levado em consideração que o pai e a mãe trabalhavam fora de casa, os dois precisaram se dedicar ao *home office*. Mas além disso, as atividades domésticas precisam ser realizadas: cozinhar, limpar a casa, cuidar do filho, ajudar nas tarefas escolares, lavar roupa e organizar a rotina com horários. Se esse trabalho não for dividido entre os dois, com certeza um ficará mais sobrecarregado que o outro, e na maioria dos casos é a mulher que assume a frente de todas essas tarefas. Para além da execução de todas as atividades, é preciso fazer o planejamento, ter um tempo para pensar na criação de estratégias para organizar o que precisa ser feito e no tempo necessário. Infelizmente todo esse trabalho acaba ficando muito invisível por trás dos bastidores familiares, gerando uma carga mental ainda mais exacerbada neste período de isolamento social.

A mulher possui a carga mental naquilo que envolve o planejamento, organização da casa e cuidados com filhos. Tarefas que muitos homens não possuem. O homem até pode ter a ação de execução, mas o planejamento fica a cargo da mulher, e isso traz maior sobrecarga para ela. Você acha que a carga mental aumentou para as mulheres durante a pandemia da COVID-19?

Sim, sem dúvida, principalmente porque a mulher tem a tendência de ser centralizadora. Para minimizar isso aconselho dois passos: A primeira reflexão a ser feita é reconhecer as dificuldades, e isso se dá com a identificação da raiz do problema, ele pode estar na própria mulher, como a questão de ela ser a polarizadora das tarefas, por pensar que seu valor está na maternidade e no cuidado com o lar, por exemplo, ou pelo parceiro realmente não executar e nem planejar as tarefas a serem realizadas, o que acaba gerando uma sobrecarga feminina. Seja qual for a razão, identificar e aceitar onde está o problema é o primeiro passo para a resolução. O segundo passo tem haver com tomada de atitude em relação ao problema identificado anteriormente. Essa atitude pode ser: deixar de realizar algumas tarefas, conversar com o parceiro para renegociar a divisão das tarefas.

Quando a criança presencia o esforço dos pais em dividir as tarefas de casa e o cuidado com os filhos já é um ponto positivo. Você concorda?

Há uma nova forma de organização masculina que já vinha ocorrendo e evidenciou-se durante a pandemia em alguns lares brasileiros. O que tenho percebido é que os homens têm se conscientizado cada vez mais sobre o seu papel de pai, seu papel como homens e estão ressignificando a paternidade, pois eles têm visto que tem muito a ganhar sendo pais ativos. Ganham afeto, carinho e criam relações saudáveis com seus filhos. Essa nova paternidade tem se mostrado benéfica às mães que vislumbram uma divisão mais igualitária no cuidado com a criança e se esse movimento continuar, há boas perspectivas de melhora nas relações entre mulheres e homens

com menos violência, mais diálogo e participação parental equilibrada. Esse novo modelo de paternidade, vem sendo construído aos poucos, pois ao contrário das mulheres, poucos homens tiveram exemplos de paternidade ativa e nunca foram ensinados a isso. Então, vem ocorrendo uma quebra de paradigmas e uma reformulação do que é ser pai. Crianças vendo esse novo modelo dentro de casa, tendem a replicar para si, no futuro, os múltiplos papéis.

Quando o arranjo familiar não consegue dar conta das demandas domésticas, há uma questão que perpassa à questão racial, que geralmente é uma mulher negra e periférica que é inserida em casa para auxiliar no cuidado com os filhos e do lar. Isso é um problema muito grande durante a isolamento social, pois ter essa pessoa em casa tornou-se um fator de risco e uma exposição que talvez pudesse ser evitada. Como você enxerga isso relacionado a parentalidade?

A parentalidade ativa nas famílias brasileiras encontra um grande obstáculo que é a terceirização das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. O movimento é sempre ter uma mulher substituindo outra mulher. Isso é decorrente da desigualdade social e é um tema que vem sendo amplamente debatido. Na Pandemia de COVID-19 e a ausência de ajuda externa, seja uma babá ou alguém que arrume a casa, mostrou que se havia a ausência paterna nessas atividades, agora ele precisará praticá-la em sua completude. Faço advertência sobre os perigos que há em centralizar todos os serviços na figura feminina e que a sociedade vende uma falácia de que mulher perfeita é aquela que é bem sucedida no emprego, cuida dos filhos de forma exemplar, que tem tempo para o marido, a casa sempre arrumada, está sempre bonita e ainda esbanja bom humor. Essa mulher perfeita não existe e esse tema tem sido um tabu ao longo do tempo, pois quando carregam o fardo de serem perfeitas, não conseguem espaço para dialogar umas com as outras, e por vezes tem o seu direito de fala reprimido pelo julgamento da sociedade. Esse fardo tem sido muito pesado e tem adoecido mulheres em todo o mundo, principalmente na área da saúde mental materna. No entanto, é importante se atentar ao fato que não há parentalidade correta, cada família tem sua especificidade, seu contexto social, econômico, e em consenso devem encontrar ou criar a melhor forma de lidar com seus filhos, promovendo um ambiente confortável para que eles cresçam seguros e saudáveis em meio a pandemia.

Entendemos que há então uma desigualdade no direito de fala. Muitas mulheres não falam sobre não conseguir dar conta de tudo - até com outras mulheres. Pelo medo do julgamento social, não verbalizam o desejo de tirarem folga da maternidade, do cansaço, de assumirem que não estão dando conta de todas as tarefas. Você entende que essa não validação do discurso materno ainda ocorre com muita frequência?

De fato, o julgamento social em relação as mulheres que expõe seus desejos e dificuldades é real. Isto está atrelado a um papel social que foi atribuído à mulher ao longo dos anos. Ela sempre foi vista como cuidadora, o que se reflete até hoje, ao olhar por exemplo, famílias que cuidam de idosos, normalmente o cuidador principal é uma mulher. E esse se tornou um lugar de prestígio: a mulher como cuidadora e o homem como o provedor. Entende-se que por conta da gestação, o valor da mulher é ligado constantemente à maternidade e é onde precisa acontecer uma metanoia ao entender e enxergar a mulher para além de gerar, parir e maternar. A luta das mulheres em busca de um lugar de visibilidade na sociedade começou na década de 1960. Devido ao machismo estruturante da sociedade, a mulher, além de gerar o bebê por cerca de nove meses, muitas vezes é submetida a assumir toda a responsabilidade sobre a criança e sobre o lar. Essa estrutura também a faz pensar que é exclusiva em todo esse processo, eximindo a responsabilidade do homem nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos. O silenciamento das dores e incertezas que a mulher pode sofrer nesse processo, gera, continuamente,

adocimento físico e mental. E, àquelas que não se calam, podem ser vistas como fracas ou que amam pouco seus filhos.

Como a universidade pode contribuir na formação de profissionais que agreguem na diminuição da diferenciação de gênero na parentalidade e na saúde mental materna?

Refliço que existam duas atitudes fundamentais: A primeira é refletir sobre nosso discurso e cruzá-lo com questões raciais, antropológicas, históricas e pensarmos de onde ele vem, com isso, identificamos pensamentos preconceituosos e ideias erradas sobre esses assuntos. A segunda é identificar as lacunas de conhecimentos que temos, pois, nosso discurso não é fechado, sempre tem algum aspecto que não conhecemos ou não entendemos, identificar as entrelinhas é importante para aprender melhor e melhorar nossas atitudes. Pontuo a relevância de novas discussões na formação profissional com a criação estratégias para enfrentamento de desigualdades que possam prejudicar a carreira, a saúde mental dos integrantes da família, em especial a mulher.

Com a discussão sobre “Parentalidade em Tempos de Isolamento Social: Reflexões sobre a Desigualdade de Gênero” foi possível abrir discussões no âmbito familiar relacionando com período de isolamento social promovido pela COVID-19. Acentuou-se como as diferenças de gênero antes da COVID-19 já eram percebidas na divisão de tarefas domésticas, no exercício da parentalidade e como se agravaram durante o isolamento social.

Diante dos impasses, ressaltou-se a importância de o núcleo familiar encontrar a melhor forma de lidar com as diferenças visando a preservação da saúde mental materna e também preservando a saúde dos filhos. A discussão sobre parentalidade e gênero torna-se relevante, pois auxilia na conscientização acerca de novas formas saudáveis para o cuidado com o outro no momento do isolamento social, além de incentivar estratégias de enfrentamento para conciliar o trabalho, o cuidado com os filhos e o lar.

Foi salutar ressaltar que não existe padrão correto de parentalidade, cada família irá se adequar de acordo com as suas particularidades, no intuito de enfrentarem as dificuldades e contribuir para construção de um ambiente seguro e saudável para o desenvolvimento de seus filhos para além do período de isolamento social, que foi proposto para enfrentamento da pandemia da COVID-19.

Destaca-se que este tema é necessário ser cada vez abordado no contexto universitário, seja no ensino, na pesquisa e na extensão. Pontua-se a relevância de novas discussões e criação estratégias para enfrentamento de desigualdades que possam prejudicar a carreira, a saúde mental dos integrantes da família, em especial a mulher.

REFERÊNCIAS

KAISER FAMILY FOUNDATION. **Coronavirus Poll**. 2020. Disponível em: <https://www.kff.org/report-section/the-implications-of-covid-19-for-mental-health-and-substance-use-issue-brief/>.

Acesso em: 01 set. 2021

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, v. 12, n. 2, p. 187-204, maio/ago., 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012.

Acesso em: 01 set. 2021

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus.** 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-oronavirus/> amp/. Acesso em: 02 set. 2021

Data de recebimento: 16/09/21

Data de aceite para publicação: 02/12/21